

MASOQUISMO, ESSA ESTRANHA HIDRA DE VÁRIAS CABEÇAS

| ROSANE MULLER¹

RESUMO

O sujeito masoquista atrai sobre si mesmo violência e dor sendo esta forma de gozar secretamente mais comum do que se pensa. No presente trabalho uma breve revisão sobre o masoquismo será feita a partir do texto seminal de Freud de 1924, incluindo-se contribuições de autores como Green, Guinard, Rosenberg e Roussillon, os quais consideram o funcionamento masoquista como uma falha na organização neurótica da personalidade. Sua importância já reconhecida por Freud é retomada a partir do trabalho clínico desses autores à medida que este é reencontrado no contexto de diferentes entidades psicopatológicas. A vinheta clínica apresentada no final do trabalho ilustra as ideias abordadas ao longo deste.

Palavras-chave: masoquismo; reação terapêutica negativa; sadismo; suicídio; traumas precoces.

ABSTRACT

The masochistic individual attracts to himself violence and pain – this way of jouissance secretly is more common than thought. This present paper contains a brief review of masochism from the seminal Freudian paper published in 1924, and includes contributions of authors such as Green, Guinard, Rosenberg and Roussillon, who consider the masochistic functioning a failure in the neurotic organization of personality. Its importance, already recognized by Freud, is taken back in the clinical work of those authors since it is met in the context of different psychopathological entities. The clinical vignette presented at the end of this paper illustrates the ideas contemplated during this text.

Keywords: masochism, negative therapeutic reaction, sadism, suicide, primitive traumas.

1 Psicóloga. Psicanalista didata da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR). Diretora científica da gestão atual (biênio 2021-1022) da SPFOR. Professora da Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Fortaleza (EPPF).

Masochismo é uma palavra proscrita, dessas em relação à qual se foge. Quando identificado, o sujeito masoquista é tratado como se, por um ato de vontade, pudesse deixar de sê-lo e, como isso não acontece, atrai sobre si mesmo mais violência e dor. Entretanto, o masochismo é mais comum do que se pensa, sendo atribuído a uma falha na organização neurótica da personalidade (Green, 2010; Guinard, 2000; Rosenberg, 2003; Roussillon, 2013, 2019) em decorrência de traumatismos precoces. Neste trabalho, abordaremos sucintamente algumas questões em torno dessa problemática.

A descrição freudiana mais completa do “enigmático fenômeno do masochismo” encontra-se no texto *O problema econômico do masochismo* (Freud, 1924). Poderíamos atribuir sua escrita a uma necessidade puramente teórica do criador da psicanálise, quando, ao introduzir a noção de pulsão de morte, viu-se diante da tarefa de reformular suas teses sobre os princípios do funcionamento mental, sustentáculos do seu edifício teórico. Mas, ao contrário, uma imposição da prática clínica o levou a repensar seus pontos de vista, em especial, a reação terapêutica negativa que, segundo Green (2010), questionou a intuição freudiana. Após uma melhora significativa do estado do paciente, este retornava à situação de infelicidade anterior: seria esta uma patologia criada pela própria análise? O fracasso do tratamento analítico evidenciava, em verdade, um modo de estruturação psíquica ancorado na dor.

Houve uma mudança progressiva na concepção desse fenômeno ao longo da obra freudiana. De início, assinala Green, o masochismo é considerado apenas uma das numerosas perversões sexuais; no final, ele se torna o modelo, a fonte e o resultado de toda e qualquer perversão, bem como de diversas entidades psicopatológicas. E mais: “Resta que no final de sua obra”, diz Green, “Freud encontra, enfim, com o masochismo, a estrutura inteligível que tem suas raízes na sexualidade e pende para o lado não fálico desta, . . . e impregna tanto a relação com o gozo quanto com a lei.” (Green, 2010, p. 105).

No sujeito masoquista, o sofrimento intenso pode ser fonte oculta de satisfação, o que significa que, nele, o princípio do prazer, cujo objetivo é fugir da dor, do aumento de excitação pulsional, foi paralisado como por uma droga. “Assim,

o masoquismo aparece à luz de um grande perigo . . .”, afirma Freud (1980a, p. 199) e continua: “Ficamos tentados a chamar o princípio do prazer de vigia da nossa vida, antes que simplesmente de nossa vida mental”, isso porque, no extremo, a morte pode ser buscada como uma finalidade pulsional. Mas não é somente nessa forma extrema que o masoquismo se manifesta. Em verdade, existe uma tendência masoquista na vida dos seres humanos, o que levou Rosenberg (2003) a formular uma diferenciação entre um masoquismo guardião da vida e um masoquismo mortífero.

Em que consiste o prazer do sujeito, expressamente, masoquista? Guignard (2000) o descreve como prazer em submeter-se a um outro, podendo mesmo ser um outro abstrato como Deus ou o destino. A esse outro o sujeito atribui todos os poderes sobre sua pessoa, seus prazeres, desejos e orientações. Este é o espaço externo de manifestação do masoquismo, mas existe igualmente um espaço interno, onde o ego se submete à supremacia de seus objetos internos, como ao superego.

O masoquismo se insere, portanto, em um tipo de relação objetal específica, que pode ser mais bem compreendida nas contribuições dadas por Rosenberg (2003). Afirma ele que a fusão pulsional, isto é, o enlace da pulsão de morte com a pulsão de vida, só acontece através da ação do objeto primário. Em outras palavras, é a mãe que, ao conter o bebê em sua mente e em seu corpo no *holding*, produz a imbricação pulsional livrando o bebê do perigo da ação da pulsão de morte em estado puro voltada para o interior, para dentro, o que acarretaria a interrupção da existência da criança. Essa ligação da libido com a pulsão de morte ou a coexcitação pulsional, o amansamento da pulsão de morte por esse meio, foi designada nos termos freudianos como masoquismo erógeno. Esta é, portanto, a liga que permite uma primeira integração da subjetividade em estado nascente, em torno da qual as primeiras experiências de satisfação irão tecer as bases do psiquismo.

Voltando ao texto de Guignard, a autora destaca como característica distintiva do masoquismo uma recusa a reconhecer o princípio de realidade, pois o masoquista se apoia na negação da existência da alteridade e na manutenção de uma fantasia onipotente de posse do interno ao sujeito pelo externo do outro. Revela a autora

que a questão principal se situa, tanto para o masoquista, como para o sádico, entre o ego e seus objetos internos, de maneira que o aspecto comum em ambos se encontra na relação com seus objetos de identificação.

Para a autora, o fenômeno do masoquismo não se explica sem levar em consideração a existência de lutos e traumatismos no percurso do desenvolvimento individual. O que acontece quando a criança descobre que seu objeto de amor tem um outro? A diferenciação que se impõe pela percepção do terceiro coloca a criança diante de uma escolha: renunciar ao seu desejo de ser totalmente satisfeita e satisfatória ou renunciar a desenvolver seu ego na direção dessa nova configuração que representa a alteridade.

O dilema não é fácil de ser resolvido. Há uma desilusão que segue a descoberta do terceiro, o outro do outro, porém este é o preço a pagar pelo crescimento emocional. No entanto, se as primeiras decepções com o objeto primário foram intensas e, por isso, traumáticas, o masoquismo erógeno vai se constituir como defesa contra o princípio de realidade, já que este tem sua origem no reconhecimento da existência da alteridade do objeto. É sabido que o princípio de realidade se estabelece somente em um necessário processo de luto pela posse exclusiva do objeto, luto que vai resultar na capacidade de simbolização e em um modo de identificação baseado na introjeção das qualidades do objeto de amor.

A recusa na diferenciação entre o eu e o outro, evidenciada nas relações sado/masoquistas de posse, o fracasso do luto necessário ao crescimento e, em decorrência, o fracasso da capacidade de simbolização, mantém o indivíduo masoquista em uma condição em que as somatizações e atuações são outro aspecto distintivo do seu ser. Nesse contexto, evidencia-se ainda a ausência de investimento pulsional na realidade compartilhada, podendo acarrear o ódio a esta, acompanhado por negações, projeções, cisões e tudo que altera seu enfrentamento.

Os estudos de René Roussillon vão na mesma direção da existência de uma diferenciação entre o eu e o outro impossível de ser alcançada. Porém, no seu entender, o fracasso da individuação se deve a uma perturbação grave no sentimento de identidade do indivíduo e na capacidade de desenvolver um sentido

de alteridade em decorrência da existência de núcleos melancólicos formados precocemente.

A hipótese de Roussillon (2013, 2019) é que os sofrimentos narcísicos identitários são provenientes de experiências traumáticas que remontam ao início da vida, e que, não podendo integrar-se à subjetividade, comprometem a própria capacidade de quem a experimenta de ser sujeito de sua vida. Ocorreu que a psique sofreu uma decepção narcísista da parte de um objeto que decepciona, tal como Freud (1980b) descreve em *Luto e melancolia*. A questão da melancolia não está na perda do objeto, mas na perda do próprio sujeito.

A conferência proferida por Roussillon, em 2016, na cidade de Cartagena, e reproduzida no escrito de Jordan-Quintero (2017), resume bem suas ideias. O bebê tem uma pulsão e invoca a presença do outro com a esperança de que este satisfaça sua necessidade. Se a resposta não é adequada, a decepção prevalece. O trauma é descrito nos termos de Winnicott (1975) como sendo uma experiência em três tempos. Segundo ele, o bebê é capaz de esperar X tempo pela provisão ambiental. Em X mais Y tempo, a situação começa a se degradar. Então, em X mais Y mais Z tempo em que ele espera em vão, a catástrofe identitária já aconteceu.

No caso da falha ambiental, o trauma cumulativo cria um estado particular, um estado traumático sem representação psíquica. A vivência do bebê é de “terrores agônicos”. Resulta ainda uma clivagem no ego, espécie de desligamento interno, e o sujeito retira-se de si mesmo, criando um vazio interior. Nesse ponto, Roussillon (2013) recorre à frase de Freud para explicar a melancolia: “A sombra do objeto cai sobre o ego”. Tal acontece quando o sujeito incorpora o objeto que decepciona para preencher o vazio interior. A partir daí, ele será vivido, habitado, possuído por esse corpo estranho, que sente que o ataca e que o sujeito ataca de volta. É nesse cenário interno que o masoquismo pode se estabelecer em alguns casos de pacientes como a própria condição de sua sobrevivência. Além disso, como tais indivíduos não desenvolveram um sentimento de identidade pessoal e são com frequência atravessados por vivências de ansiedade aguda e pânico, procuram reestabelecer a situação de dependência do início da vida colando-se em relacionamentos abusivos e de natureza sadomasoquista. A título de exemplo,

apresentaremos o recorte de um atendimento psicoterápico iniciado no período da pandemia.

VINHETA CLÍNICA

Suzana buscou ajuda em estado de grande urgência por estar sofrendo de picos de ansiedade, nos quais come em excesso, o que está fazendo com que ela volte a engordar os quilos perdidos em uma cirurgia de redução do estômago feita quando chegou a pesar cento e trinta quilos. Conta que vive chorando, comendo, vomitando e voltando a comer e a chorar. Não sabe o que a faz ficar ansiosa após ter estado um ano livre dessas crises. Diz que vem aumentando de peso há uns dez anos, depois que entrou na faculdade e criou maus hábitos alimentares.

Alguns dados da história de vida:

Os pais de Suzana viviam brigando. Seu pai nunca conseguiu trabalhar, o que obrigava a mãe a trabalhar pelos dois e, por esse motivo, também dispensava pouca atenção aos filhos. Ela é a primeira filha do casal. Aos dois anos de idade, a mãe teve um filho natimorto e depois, nos seus quatro anos, nasceu seu irmão e foi adotada uma prima de dez anos.

Fala que sua mãe vem de uma família humilde e pouco afetiva. Já a família paterna tem mais recursos e é mais afetuosa. Quando criança, lembra da mãe falando que “seu pai não dera para nada, porque fora muito mimado”. Apesar disso, via os pais como apaixonados, que se completavam. Lembra da mãe preparando os petiscos preferidos do pai quando ele bebia. Trabalhar era um valor cultuado por ela, que dizia ainda que o pai era uma pessoa boa, embora “não tivesse dado para nada”.

Lembranças marcantes:

A mãe gostava de contar que, quando ela tinha três anos de idade, deitava no chão ao lado do pai desacordado pela embriagues. Suzana diz que pensava que a mãe o tivesse impedido de deitar na cama do casal. Só depois compreendeu o que se passava. Para proteger o pai e a família dele, nunca revelou que foi abusada

sexualmente, entre as idades de 8 e 11 anos, por um primo do lado paterno, seis anos mais velho que ela. Teve sua primeira menstruação aos dez anos e, a partir daí, e por um bom tempo, foi vítima da chantagem das colegas, que exigiam que ela lhes comprasse merenda para não espalharem, na escola, a notícia de sua menarca. Seu primeiro episódio de ansiedade e tremores aconteceu aos doze anos de idade, após uma grande surra que levou de sua mãe, quando esta descobriu que Suzana queria namorar. Após alguns meses de sessões de psicoterapia e da flexibilização da mãe, incentivada pela psicóloga que a atendeu, os picos de ansiedade pararam.

Quando, aos 14 anos, namorava um rapaz de 16, viu um carro igual ao de seu pai passar na rua e então se escondeu dentro de casa. O namorado não gostou e espalhou a notícia, no bairro, de que tinha tirado sua virgindade. Apenas seu irmão, na época com dez anos, sabia a verdadeira história. Aguentou a humilhação por três anos até entrar na faculdade.

Situação atual:

Hoje está envolvida com um homem tido como “perverso”, que a atrai cozinhando suas comidas preferidas e fazendo passeios de seu gosto; mas depois diz que ela deve aceitar o fato de que ele tenha outras mulheres e não a assuma como namorada em seu círculo de amigos, pois, em suas palavras “nem cachorro pegaria uma garota como ela”. Os amigos dele o definem como “um personagem” e dizem que ela é a única mulher por quem ele realmente se interessou. Um aspecto importante e fonte de admiração para Suzana é o fato de que ele é bem-sucedido profissionalmente. Sente-se, ainda, cuidada, recebendo bastante atenção, embora não tenham vida sexual. Por outro lado, depois dele, já teve encontros sexuais com um homem que mal conhecia. Afirma que nunca contou a ninguém as humilhações pelas quais passa, não é de falar sobre seus problemas com os outros.

Psicoterapia:

Na sexta sessão, suas associações tomam uma direção específica: menciona ter ficado impactada com o caso da esposa do DJ que era espancada pelo marido e

“todo mundo via e ninguém fazia nada”. Nesse momento, é possível que estivesse falando de si mesma, integrando a parte dela que tinha conhecimento das agressões na forma de humilhação e nada fazia. Seguiram-se falas onde diz ter ficado impressionada quando sua irmã contou que havia sido traída pelo marido pela segunda vez, mas não se separava porque sentia que fora do casamento não era ninguém. Outro motivo de reflexão foi a notícia lida no jornal sobre um padre abusador de crianças. Lembrou depois da situação de uma amiga que descobriu que o ex-namorado, decididamente, um abusador, era na verdade gay.

No momento atual, Suzana rompeu com o homem com quem se relacionava. Diz que esse feito se deve à psicoterapia. As crises de ansiedade que levavam ao ciclo comer, chorar, vomitar e comer de novo não foram mais relatadas.

Comentários:

Suzana cresceu em um contexto de pouca atenção por parte de uma mãe descrita como ocupada com o trabalho e seca afetivamente. Entre os pais, o clima de briga girava em torno da desqualificação/humilhação do pai submisso e dependente de uma esposa autoritária e com características sádicas. Esse foi o modelo de relacionamento internalizado por ela. Como Guignard assinala, a questão do sujeito masoquista é com seus objetos de identificação.

Podemos encontrar Suzana já aos três anos de idade identificada com esse pai submisso/humilhado ao deitar ao lado dele no chão quando, em sua fantasia, a mãe o impedira de deitar-se na cama do casal. Aos quatro anos, vivenciando a crise edípica, é provável que tenha tido outro momento difícil pela dupla circunstância do nascimento do irmão e adoção de uma irmã. Daí em diante, a posição de vítima se instalou na relação com o primo sexualmente abusador e com as colegas chantagistas do colégio. O início de seus interesses sexuais, aos doze anos de idade, possivelmente, estimulou a vertente masoquista de sua sexualidade, quando a mãe lhe dá uma enorme surra. De que modo Suzana deve ter recebido esse acontecimento? Ela própria o associa às crises de ansiedade que se seguiram. A humilhação na relação com o primeiro namorado também esteve presente quando ele espalhou no bairro calúnias a seu respeito.

Quando sua ansiedade se intensificou ao sair de casa e adentrar o mundo adulto, descobriu no comer e na comida o modo de aplacá-la, mas aí tudo fugiu de seu controle sendo esse o momento em que se envolveu em um relacionamento marcadamente sadomasoquista. Seu parceiro reproduz o casal parental internalizado, Suzana se sente cuidada por um homem que faz suas comidas preferidas e lhe humilha. A continência da análise e a reflexão que ela favorece está dando uma sustentação essencial na direção da mudança psíquica.

REFERÊNCIAS

- Freud, S. (1980a). O problema econômico do masoquismo. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1980b). Luto e melancolia. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1917).
- Green, A. (2010). Masoquismo(s) e narcisismo nos fracassos da análise e a reação terapêutica negativa. In *O trabalho do negativo*. (F. Murad, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Guignard, F. (2000). Entre o luto e o traumatismo: o masoquismo. In *Cartas ao objeto*. (M. Pedreira, Trad.). Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Jordán-Quintero, M. I. (2017). O sofrimento narcísico identitário em relação às patologias-limite da infância. In E. Rache & B. Tanis (Org.), *Roussillon na América Latina*. São Paulo: Blucher.
- Rosenberg, B. (2003). *Masoquismo mortífero e masoquismo guardião da vida*. (C. Gambini, Trad.). São Paulo: Escuta.
- Roussillon, R. (2013). Teoria da simbolização: a simbolização primária. In L. C. Figueiredo, B. B. Savietto & O. Souza (Org.), *Elasticidade e limite na clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- Roussillon, R. (2019). *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*. (P. Souza, Jr., Trad.; E. Rache, Rev. Tec). São Paulo: Blucher.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.